

LOUVOR,
ADORAÇÃO
E LITURGIA

RUBEM AMORESE

LOUVOR,
ADORAÇÃO
E LITURGIA



Editora Ultimato
Viçosa, MG

Copyright © 2004, Rubem Amorese

Primeira Edição: *Dezembro de 2004*

Revisão: *Bernadete Ribeiro*

Projeto Gráfico: Editora Ultimato

Capa: *Magno Paganelli*



PUBLICADO NO BRASIL COM AUTORIZAÇÃO
E COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS PELA

EDITORA ULTIMATO LTDA
Caixa Postal 43
36570-000 Viçosa, MG
Telefone: 31 3891-3149 — Fax: 31 3891-1557
E-mail: ultimato@ultimato.com.br
www.ultimato.com.br

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação
e Classificação da Biblioteca Central da UFV

A524L
2004 Amorese, Rubem Martins, 1951-
 Louvor, adoração e liturgia / Rubem Amorese. — Viçosa, MG :
 Ultimato, 2004.
 176p.
 Inclui bibliografia

ISBN 85-86539-76-7

1. Louvor a Deus. 2. Adoração (Religião). 3. Liturgia. I. Título.

CDD. 20.ed. 248.3

Dedico este livro à Ana e ao Estêvão, parceiros de louvor.

Artistas já são.

Adoradores também.

Tudo em formação, no entanto, graças a Deus.

Mantendam-se aprendizes, meus filhos.

Aprendam mais que eu.

Porque, em matéria de adoração, transformação é o alvo.

Bendito e inalcançável.

Descanso, talvez, na glória.

SUMÁRIO

<i>Prefácio</i>	11
<i>Introdução</i>	15
1. Definições Necessárias	21
2. Arte e Adoração	29
3. Emoções e Adoração	35
4. Adoração Pessoal	61
5. Adoração na Família	85
6. Louvor na Igreja	91
7. Liturgia	119
8. Loadlit	163
<i>Notas</i>	165
<i>Bibliografia</i>	171

PURIFICAÇÃO

Venho à tua casa, meu Senhor,
Entro em teus átrios com temor;
Preciso tanto compreender por que razão
Desejas ter meu coração.

 Chego à tua casa sem saber
 Se hás de aceitar meu bem-querer,
 Pois, de conflitos e pecados, meu cantar
 Macularia o teu altar.

Ai, meu Senhor!
Faze meu louvor
Purificar-se em teu altar,
Em teu altar.
Separa a dor
Da acusação,
Liberta-me com teu perdão,
Com teu perdão;
Liberta a minha adoração,
Adoração.

Trago-te um culto racional,
De corpo inteiro, integral,
Um sacrifício vivo, santo e passional,
Ações de graça e contrição.

Se me julgares, meu Senhor,
Nada direi em meu favor,
Pois sei que nada em minha vida restará;
E a casa em terra cairá.

Traze, meu Senhor,
Transformação:
Aceita a minha adoração,
Adoração;
Dá-me o ardor
Da devoção;
Dá-me, em tua casa, o teu favor.
O teu favor:
Recebe um pobre pecador,
Um pecador.*

* Letra minha e música de Toninho Zemuner.

PREFÁCIO

Meu querido amigo Rubem Amorese traz uma rica contribuição para a igreja brasileira com *Louvor, Adoração e Liturgia*. Suas observações inteligentes e seu pensamento claro revelam uma visão madura no que diz respeito à aplicação e vivência de cada leitor em seu próprio contexto.

Temos à disposição um instigante livro que não despreza a tradição nem o novo, que pode ser apreciado em todos os seus capítulos e possibilita ao leitor interagir com a mente e o coração do autor.

O texto deixa transparecer um momento pessoal de serenidade, um coração apascentado, devocional, uma espiritualidade saudável e saborosa. Encoraja-nos a uma adoração mais íntima, desafiadora, que comece na privacidade “do quarto”, com repercussão na família e nos ritos externos da liturgia, que devem refletir a nossa transformação interior, em espírito e em verdade.

O autor mostra uma preocupação pertinente com as raízes e razões do coração, e com o que devemos aprender e reter para nossa prática pessoal e comunitária. Nestes tempos de confusão, precisamos ter uma visão saudável da liturgia, que não engesse nem tire a liberdade de expressão na adoração ou no culto público, antes lhes dê ainda mais significado.

Ao contrário de tantos outros livros que exploram mais as posturas do adorador ou modelos que aportam em nosso Brasil e são absorvidos sem avaliação criteriosa e bíblica, *Louvor, Adoração e Liturgia* nos ajuda a construir uma teologia da adoração. Apresenta as bases que devem nortear nossas expressões e manifestações pessoais e comunitárias.

Nas últimas décadas tivemos o crescimento de expressões mais espontâneas na adoração pessoal e pública, a queda de preconceitos quanto a estilos de música, instrumentos, expressão corporal, e mais participação congregacional. Mesmo assim, vínhamos sendo reducionistas em nossa compreensão, entendendo louvor como música ou expressão artística somente. Além disso, tínhamos e ainda temos o chamado “serviço de culto”, em que as pessoas apenas “assistem”, em vez de participar ativamente.

Perdemos também muito de nossas raízes, alicerces e referenciais da Palavra de Deus, descuidando-nos dos conteúdos teológico e poético em nossa adoração cantada. Este livro é um resgate de muitos valores fundamentais no louvor e na adoração, e preenche uma lacuna no universo de livros escritos sobre esses assuntos em português.

Cada capítulo ajuda-nos a entender e construir uma teologia mais devocional da adoração, em que se busca a prática de forma íntima, familiar e litúrgica. Essa teologia se baseia no desenvolvimento de um relacionamento e conhecimento pessoal do Deus Triúno, fazendo da adoração o resultado de expressões do coração que revelam esse relacionamento.

Temos aqui muitas ferramentas para, com discernimento e sabedoria, retermos o que é bom de tantas práticas e manifestações na adoração. Nada mecânico, pois sempre nos convida à profundidade da mente e do coração do Deus que queremos e precisamos adorar. Ações de graça, intercessão, celebração, confissão, confirmação, consagração, comunhão, são alguns dos cativantes tópicos abordados para uma liturgia que expressa e traz um pouco mais da manifestação da glória de Deus! Que o Senhor seja louvado, adorado e engrandecido entre nós!

Nelson Bomilcar

INTRODUÇÃO

Por que mais um livro sobre louvor e adoração? Essa pergunta pode estar na mente de quem o folheia numa estante de livreria, ou de quem lê, na Internet, uma chamada ao seu título. Para essa questão, gostaria de oferecer duas respostas: uma curta e outra extensa.

A resposta curta é que dispomos de pouco material, em língua portuguesa, sobre uma *teologia* do louvor e da adoração. Já temos boa literatura sobre a prática do louvor eclesiástico, envolvendo técnicas, idéias, sugestões e cuidados. (Apresento uma bibliografia ao final deste livro.) No entanto, sobre o que chamarei de “as razões do coração”, quando precisei de material de consulta, senti falta. Talvez exista em meio a outros temas teológicos, mas não tratado separadamente e com uma abordagem dirigida ao ministro de louvor de nossos tempos.

A resposta extensa envolve a percepção de que vivemos um momento de explosão da prática eclesial do louvor. Parece que com o crescimento da participação dos jovens nas igrejas houve uma espécie de liberação litúrgica, que muito enriqueceu a expressão do louvor. Essa expressão se difundiu de tal forma, nos últimos quarenta anos, que se incorporaram novas formas, novos instrumentos, novas linguagens, e tudo se fez novo; tudo se fez mutante. Um destaque para as mulheres, que, em grande parte, chegaram aos púlpitos por esse caminho.

Houve tensão, num primeiro momento. O órgão lutou para manter seu espaço elitista e solene contra a alegre guitarra, popular e barulhenta. O coral e suas partituras indecifráveis ao leigo perderam espaço para os “dirigentes de louvor” acompanhados de *back vocals* microfonados.

O pastor perdeu o sono com as disputas a respeito do volume do som, da irreverência da bateria, das vestimentas de moças e rapazes, dos trejeitos sensuais que o ritmo produzia nos dirigentes, dos ritmos importados “do mundo” (leia-se *rock* e samba) e assim por diante.

Aos poucos, no entanto, as coisas começam a se acomodar. Já se vêem cultos solenes — em que a guitarra não entra —, idealizados exclusivamente para atender aos mais tradicionalistas. Mas esses cultos convivem com “louvorzões”, abertos a todos, nos quais o ritmo é quase “bate-estaca” e o som é moderno (leia-se ensurdecidor). Em algumas igrejas começa a existir espaço para todos.

Passada a primeira onda, naturalmente conflituosa, começa-se a buscar o que de melhor cada modelo pode oferecer a essa igreja pluralista, obrigada a conviver com disparidades e antagonismos. Isso se faz harmonizando as diversas tendências num mesmo culto, como sinal de tolerância e respeito mútuo. Já não são incomuns os cultos solenes em que guitarra, baixo e bateria são

bem-vindos. Onde isso ainda não é possível, criam-se espaços alternativos para vanguardistas, tradicionalistas e reacionários.

Mas surgem algumas dificuldades. Elas vêm exatamente do exercício crítico, exigido pelos novos tempos. São problemas relacionados à necessidade de “reter o que é bom” de tantas propostas de expressão litúrgica. Como selecionar o que realmente contribui para a adoração na igreja e deixar de lado os modismos, os estrelismos, os “enlatados” estrangeiros, as “forçações de barra” dos mundanismos travestidos de *gospel* e até mesmo a transformação do louvor em mercado sem alma e os cargos de ministro em cabide de emprego eclesiástico? A chave da questão está na palavra *discernimento*. Mais do que nunca, na história da igreja, precisamos de sabedoria. Devemos buscá-la em Deus, humilde e diligentemente.

Terminando a resposta extensa à pergunta sobre o porquê deste livro, diríamos que nos propomos a contribuir com pensamentos e idéias que ajudem, com a graça de Deus, àqueles que desejam discernir sua própria realidade eclesiástica. Nesse sentido, esperamos que o que se segue seja útil tanto a ministros¹ de louvor como a adoradores sinceros, desejosos de rever sua prática devocional, seja íntima, familiar ou litúrgica.

Quando usamos a expressão “teologia do louvor e da adoração” pode parecer que a palavra *teologia* diz respeito a assuntos difíceis, teóricos e reservados a pastores e acadêmicos. Essa não é a intenção. Uso a palavra *teologia* como sinônimo de “experiência de relacionamento com Deus”, ou seja, refiro-me àquele aprendizado que só tem quem experimenta, quem dedica tempo a conhecer. *Teo-logos* quer dizer “conhecimento de Deus”. É verdade que muito se pode aprender de Deus nos livros e compêndios. Mas não devemos ficar nos livros, nem mesmo apenas na Bíblia. Precisamos trabalhar esse conhecimento de forma pessoal e doméstica, e depois praticá-lo na vida diária. Chamo isso de

“teologia devocional”. Nesse sentido, teologia é um conjunto de conhecimentos sobre Deus, advindo da *convivência com ele*, da busca sincera e contínua de um relacionamento íntimo com o Altíssimo, sempre estribado em sua Palavra e direcionado para os irmãos e para o próximo. Prazer e dever de todo crente.

Nossa reflexão começa com algumas definições básicas de louvor, de adoração e das expressões litúrgicas e artísticas envolvidas. Em seguida, tentamos descobrir alguns princípios bíblicos da adoração, para associá-los à arte, enquanto meio de expressão emocional, relacionada ao louvor, em três ambientes. Primeiro, o pessoal, que chamamos de “quarto”, em referência à recomendação de Jesus: “entra no teu quarto, e fechada a porta...”. Crescendo do privado para o público, meditamos sobre o nível doméstico, e culminamos com o culto público e litúrgico propriamente dito.

Para tratar da dimensão pública da adoração, empregamos os conceitos de *drama* e *expressão*, tentando resgatar, com eles, a coerência entre os conteúdos dramatizados e seus referenciais bíblicos, além de seu papel sistêmico no culto, considerando ser a arte engajada uma arte “a serviço” do culto. Neste ponto, visitamos rapidamente alguns conceitos trabalhados no meu livro *Celebração do Evangelho*.²

No capítulo final, ao abordar a liturgia propriamente dita, tentamos “pensar alto” a respeito dos aspectos teóricos e práticos da construção da ordem semântica do culto, ou seja, do que cada *elemento litúrgico* expressa (quer dizer), isoladamente ou em conjugação com outros, em termos de significados.

* * *

O tom que eu gostaria de dar aos escritos que se seguem é o de *pensamentos*, no sentido de compartilhar com meus irmãos ministros, de todas as idades, o que sinto e penso sobre esse grande tema. Na verdade, eu preferiria estar falando ao vivo. E o tenho feito, sentado numa roda de Escola Dominical, por alguns semestres. Nesse clima mais pessoal, fica mais fácil mostrar o coração pelo tom da voz, pela expressão não-verbal. E revelar que se algum dia ele foi crítico e ácido, Deus sabe, já não o é mais; que se já foi incendiário, tornou-se bombeiro; que da confortável posição de ovelha, foi “demovido” a pastor, dos menores; que o filho exigente tornou-se pai aflito. Por escrito, o coração desaparece. Tentei cobrir o assunto, mas sei que não consegui. Não me importo; importo-me com o que escrevi, pois retrata a minha caminhada. Outros terão ido mais longe.

Confesso, desde já, que não sou especialista no tema, embora traga alguma experiência de músico instrumental, corista e dirigente de louvor. Experiência de amador, como de qualquer “antigo de igreja”. E falo apenas a partir dessa experiência, associada a algumas leituras.

Portanto, leitor, receba os pensamentos que se seguem como minha forma pessoal de ver esses assuntos. Retorno ao tema mais de vinte anos após a primeira edição do *Celebração do Evangelho*. Sem dúvida, você perceberá o peso dos cabelos brancos sobre minha pena.

Minha oração é que estes singelos pensamentos ajudem a igreja brasileira, neste momento paradoxal de sua existência: exuberante em sua liturgia e sofrida em sua teologia.

capítulo 1

DEFINIÇÕES NECESSÁRIAS

As primeiras coisas primeiro. É assim que convém começar, assentando alguns conceitos que nos permitam caminhar sobre bases comuns de entendimento. Poderá parecer desnecessário a alguns, mas a pluralidade de referências e de experiências que permeiam o espaço cristão, hoje em dia, recomendam um nivelamento básico. Basta-nos, para isso, definir quatro conceitos: teologia, louvor, adoração e liturgia.

TEOLOGIA

A definição clássica de *teologia* aponta para um conjunto de conhecimentos, para um repositório, para um patrimônio,

enfim, sobre Deus. A palavra *teo*, vinda do grego, refere-se a Deus e o termo *logos*, da mesma origem, refere-se a “compreensão”, “entendimento”.

A palavra *gnosis*, também do grego, significa “saber”, “conhecimento”. Dela se intitulou um capítulo da filosofia, chamado de gnoseologia, ou seja, a ciência do conhecimento (alguns a chamam de teoria do conhecimento). Houve, ao longo da história, aqueles que imaginavam poder alcançar o entendimento de Deus a partir de práticas ascéticas e leituras secretas. Eram os *gnósticos*. A esse pensamento, os apóstolos — Pedro em particular — contrapunham um conhecimento mais dinâmico, mais relacional, mais vivencial; e usavam, para diferenciar, a palavra *epignose*, que quer dizer “pleno conhecimento”. Em suas epístolas, Pedro fala daquele que, salvo pela fé em Cristo — revelação encarnada de Deus —, passa a andar em seus passos e, como ele, a cultivar, em obediência e fé, um relacionamento íntimo e filial com Deus.

É nesse sentido que nos propomos caminhar: na direção de um entendimento mais completo, coletivo e contemporâneo da adoração ao Senhor. Não se trata de apresentar algo pronto e acabado, como comida já digerida, mas de propostas de “ação de conhecimento”, propostas de caminhos de experimentação. Experimentar o Senhor? Sim, certamente. Sem isso, nossa teologia é míope, distante, intelectual, acadêmica, vazia e estéril — gnóstica. Essa é a idéia que o apóstolo Paulo transmite em 1 Coríntios 3.10. A metáfora de uma construção, para a qual ele lança o fundamento, na esperança de que sobre este outros edifiquem.

Teologia que salva e edifica é aquela que, saindo dos livros, se encarna na vivência concreta da igreja; aquela que se revela na dinâmica da vida, em seus eixos vertical e horizontal. Aqui, já estamos com o apóstolo João, em sua primeira carta (4.20). Parece-lhe impossível dissociar a relação vertical, com Deus, das suas horizontalizações, com os homens. O apóstolo chega

à veemência de chamar de mentirosa essa “verticalização” de quem diz amar a Deus e, ainda assim, odeia a seu irmão. Somos compelidos a compreender que o símbolo da cruz bem se aplica à tarefa teológica (de conhecer a Deus). Composta de dois eixos, a estaca e a trave, a cruz não existe sem ambos.

Compreendendo a metáfora da cruz, não se pode chamar de teologia qualquer movimento isolado, seja no eixo horizontal, em direção ao próximo, seja no eixo vertical, em direção a Deus. São necessários os dois eixos que se cruzam, pois Deus nos legou um mandamento que se resume nessas duas dimensões: amar a Deus, acima de todas as coisas, sem nos esquecer do próximo. Aquilo que se desvia dessa ação prática e comunitária é deficiente; de certa forma, é mentiroso, ainda que sincero, no sentido de que a verdade não é plena, não é completa, e o conhecimento ainda não é, na linguagem de Pedro, “epignose” (pleno conhecimento), em contraposição aos gnósticos.

Sir Edwyn Hoskyns aconselhava: “enterre-se num dicionário para então subir à presença de Deus”. Compreende-se sua idéia de que o estudo profundo das Escrituras habilitaria o leitor a uma devoção mais informada. No entanto, edificando sobre seus fundamentos, acrescentaríamos a trave da cruz: “enterre-se num livro sobre louvor e adoração para então convidar seus irmãos a subirem juntos à presença de Deus”.

Teologia será, para nós, uma tarefa de aprendizado (gnose) que se exercita coletiva e participativamente, tanto no caminho vertical (a estaca da cruz) de buscar a Deus quanto no horizontal (a trave da cruz) de viver em santidade e serviço. Um movimento leva ao outro, com idas e vindas que só terminarão na glória. O estar com Deus nos dá as condições para, saindo do nosso quarto, viver a vida que decorre da contemplação de sua santidade. E essa vida se manifesta no amor fraternal, no exercício da devoção que se materializa no serviço ao próximo. Porque, como dizia Tiago,

“a religião pura e sem mácula, para com o nosso Deus e Pai, é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações e a si mesmo guardar-se incontaminado do mundo”.¹

LOUVOR

A palavra *louvor* quer dizer, no seu uso comum, “elogio”. Refere-se à expressão individual ou coletiva de reconhecimento das qualidades de uma pessoa. Normalmente, está associada a gratidão. Usado de forma corriqueira, o termo louvor aponta para algum feito marcante da pessoa ou para alguma característica sua que tenha beneficiado um grupo ou uma pessoa. Dessa forma, o pai pode louvar o filho por ter passado numa prova difícil, ou por alguma virtude incomum, como o ser estudioso. Também o filho pode louvar o pai por ser amoroso ou provedor. Nada mais comum e corriqueiro em nosso cotidiano.

Quando se refere a Deus, em sua forma triúna ou particularizado em alguma pessoa da Trindade, a palavra *louvor* assume conotação teológica. Nessa acepção, a palavra passa a ser entendida de duas formas possíveis: como “elogio” ou como “prática litúrgica”. Como elogio, o louvor nada mais é que a expressão, individual ou coletiva, de reconhecimento do que Deus é e faz. Nesse processo, íntimo ou coletivo, de manifestação, o coração humano salienta a santidade, bondade, fidelidade e misericórdia de Deus, seja como propriedades marcantes de seu eterno ser, seja como resultado de experiências recentes. Louvor, aqui, é um sentimento que se expressa, se exterioriza. É o ato de dizer a Deus o que sentimos e pensamos a seu respeito. Embora ocorra também liturgicamente, não requer manifestação exterior alguma. Pode acontecer apenas no coração devoto.

Hoje em dia já não se faz a distinção entre *louvor* e *ação de graças*. Mas vale o registro de que o *louvor* reconhece e elogia o

que Deus é e faz. Fala de suas virtudes e qualidades, manifestadas nos seus poderosos feitos. Já a *ação de graças* se refere ao que ele fez por nós. Assim, agradecemos a Deus pelo que ele nos faz e o louvamos pelo que ele é.

Na sua acepção litúrgica, a palavra *louvor* assume a conotação de um ritual complexo, que pode ocupar momentos de uma celebração ou envolver todo o culto. Neste último caso, é conhecido como culto de louvor, ou o moderno “louvorzão”. Nesse sentido, a palavra significa, em grande parte das igrejas contemporâneas, um período da reunião (ou toda ela), em que predominam a música e as expressões artísticas destinadas a engrandecer o Senhor. Os conteúdos variam pouco e envolvem segmentos tais como invocação, contrição, súplica e ação de graças. Mas predominam as expressões de exaltação às qualidades amorosas de Deus, associadas a manifestações de compromisso pessoal e votos de santidade ou guerra espiritual.

ADORAÇÃO

A palavra *adoração* traz conotações mais íntimas e afetivas, que apontam para expressões de amor (ágape). Ela não se materializa em liturgia, embora esteja na gênese do louvor e da liturgia. A adoração, assim como o amor, não se vê. O que aparece é seu resultado exterior, como expressão dramática da intimidade. Suas exteriorizações comportamentais são de difícil reconhecimento. Num mesmo momento, um dança e outro se ajoelha; um canta e outro chora; um levanta as mãos e outro as cruza no peito. No entanto, quando adoram, todos amam, todos se expressam, todos oferecem sacrifício, todos se transformam nesse momento de verdade íntima, pessoal e, muitas vezes, coletiva.

A adoração não é dirigida a semelhantes, como no caso do louvor a um filho. Só pode ser entendida em relação a uma

divindade — no caso do cristianismo, a Deus. Talvez possamos conceituá-la a partir de um mosaico de sentimentos, posturas e atitudes, todos ligados uns aos outros. Portanto, diríamos que significa, entre outras coisas, *paz e segurança*; lembrando o bem-estar que sente a criança desmamada nos braços de sua mãe;² *contemplação* de Deus, na beleza de sua santidade; *admiração e respeito* da criatura diante do Criador; *quietude contemplativa*, diante do seu mistério; *celebração da vida*, envolvendo gratidão e alegre fruição do “jardim” em que ele nos pôs, para viver em sintonia consigo mesmo; *excitação dos afetos e exercício de amor ativo* em direção a Deus e às suas criaturas. Misteriosamente, a adoração tem sempre o sinal positivo da exultação, mesmo em tempos de dor e sofrimento. Nada, nem mesmo a tribulação, pode conter a *alma em festa* com “adufes, danças e címbalos sonoros e retumbantes,.

Em resumo, diríamos que a adoração acontece na dimensão do coração e requer um profundo “estar-de-bem” com Deus, o que vale dizer que a criatura aceita e concorda, *sem reservas*, com o que Deus *é e faz*. A adoração acontece na proporção inversa dessas reservas. Quanto maiores as reservas, maiores os impedimentos, as barreiras internas à adoração. Elas acontecem, geralmente, quando o que Deus está fazendo ou permitindo nos causa dor, como, por exemplo, sua amorosa e necessária disciplina.

LITURGIA

A palavra liturgia vem do grego *leitourgia*, que quer dizer “função pública”, também ligada ao serviço prestado aos deuses. Adotado pelo latim medieval, o termo virou *liturgia*, significando culto público.

Na adoração secreta, pessoal, a liturgia não faz sentido, pois a organização das ações não requer uma ordem formal. Esta se faz

necessária quando outras pessoas passam a ser envolvidas no processo. Assim, a liturgia nada mais é que uma ordem empregada ao culto público, de forma a evitar o caos que reinaria caso ela não existisse. No início da igreja cristã, ela surge rudimentar, nas reuniões dominicais nos lares, apropriando-se de elementos do culto judaico. Aos poucos, com o aparecimento das igrejas, adquire elaboração mais complexa e formal, chegando a ter sua ordem publicada.³ Essa ordem acaba por estender-se ao calendário anual de atividades da igreja.

Como em qualquer planejamento de atividades coletivas, o *sentido* do que se faz é importante. A liturgia tem sua importância no culto por sua função de dar sentido, de ordenar compreensivelmente as diversas etapas e os ritos que compõem um ritual. Veremos que uma liturgia mal elaborada pode conspirar contra a beleza da celebração e prejudicar a compreensão e a participação no culto, tornando-o truncado e cansativo. Uma liturgia bem elaborada considera aspectos tanto devocionais quando de comunicação; tanto o conteúdo quanto a forma; tanto a informalidade quanto a reverência. A liturgia deve ser fluida como uma frase: com sujeito, verbo e predicado.

Vale mencionar ainda o caráter *funcional* da organização litúrgica. Ou seja, ela deve ser elaborada no sentido de facilitar os propósitos da celebração comunitária. Em particular, ela deve ser avaliada pela maneira como cumpre ou não três funções principais: 1) confirmação das crenças do grupo; 2) reforço dos seus alvos (adoração, comunhão e ministério); e 3) reforço da identidade comunitária e da cultura particular do grupo.⁴ Esse último item quer dizer que há uma maneira particular a cada igreja de expressão cültica (que pode ter erros e acertos), e é dentro desse referencial que precisam ser avaliadas as atividades práticas. Veremos que a arte na igreja, em particular a música eclesiástica, diferentemente da música artística, é serva da teologia e serva

da igreja. Assim como a liturgia, ela também é funcional e, portanto, deve cumprir as três funções mencionadas.